



REBENA

Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem

ISSN 2764-1368

Volume 13, 2025, p. 562 - 576

<https://rebena.emnuvens.com.br/revista/index>

Narrativas de mulheres negras na escola: Conceição Evaristo e o ensino de literatura

Narratives of black women at school: Conceição Evaristo and literature teaching

Lilian Maria Dantas¹ Adson Francisco Silva Santos² Jonathan Francieverton da Silva³

Submetido: 09/10/2025 Aprovado: 16/12/2025 Publicação: 31/12/2025

RESUMO

Este artigo discute a importância da inserção de narrativas de mulheres negras no ensino de literatura, tomando a obra de Conceição Evaristo como eixo central de análise. Parte-se da compreensão da escola como espaço de formação humana e de disputa simbólica, no qual o currículo historicamente privilegiou vozes eurocêntricas, silenciando experiências de grupos marginalizados. O objetivo do estudo é refletir sobre como as produções de Conceição Evaristo, especialmente a partir do conceito de *escrevivência*, podem contribuir para práticas pedagógicas mais inclusivas, críticas e humanizadoras no ensino de literatura. A metodologia adotada é de natureza qualitativa, com base em pesquisa bibliográfica e análise teórico-crítica de autores que discutem literatura, educação, identidade, memória e relações étnico-raciais. A fundamentação teórica apoia-se em contribuições de Antonio Cândido, Paulo Freire, Stuart Hall, Nilma Lino Gomes, bell hooks, entre outros. Os resultados indicam que a presença dessas narrativas no currículo escolar favorece a formação do leitor literário, fortalece a identidade e o pertencimento de estudantes negros, amplia a empatia e contribui para uma educação comprometida com a diversidade, a justiça social e a humanização dos sujeitos.

Palavras-chave: Ensino de literatura. Mulheres negras. Conceição Evaristo. Escrevivência. Educação antirracista.

ABSTRACT

This article discusses the importance of incorporating narratives by Black women into the teaching of literature, taking the work of Conceição Evaristo as the central axis of analysis. It is grounded in the understanding of the school as a space for human formation and symbolic dispute, in which the curriculum has historically privileged Eurocentric voices, silencing the experiences of marginalized groups. The objective of the study is to reflect on how the literary productions of Conceição Evaristo, especially through the concept of *escrevivência*, can contribute to more inclusive, critical, and humanizing pedagogical practices in the teaching of literature. The methodology adopted is qualitative in nature, based on bibliographic research and theoretical-critical analysis of authors who discuss literature, education, identity, memory, and ethnic-racial relations. The theoretical framework draws on contributions from Antonio Cândido, Paulo Freire, Stuart Hall, Nilma Lino Gomes, bell hooks, among others. The results indicate that the presence of these narratives in the school curriculum promotes the development of literary readers, strengthens the identity and sense of belonging of Black students, broadens empathy, and contributes to an education committed to diversity, social justice, and the humanization of subjects.

Keywords: Literature teaching. Black women. Conceição Evaristo. *Escrivivência*. Anti-racist education.

¹Doutoranda em Ciências da Educação, Mestre em Letras e Linguística. Professora do Campus IV no Departamento de Letras da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Alagoas, Brasil. lilianmdantas@gmail.com.

²Graduando em Letras Inglês. Discente do Campus IV no curso de Letras Inglês da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Alagoas, Brasil. adson.santos.2022@alunos.uneal.edu.br.

³Graduando em Letras Português. Discente do Campus IV no curso de Letras Português da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL). Alagoas, Brasil. francievertonjonathan@gmail.com.

1. Introdução

A escola, enquanto espaço de formação humana, não se limita à transmissão de conteúdo, mas participa ativamente da construção de identidades, valores e modos de ver o mundo. No entanto, historicamente, o currículo escolar brasileiro foi estruturado a partir de uma lógica excluente, que privilegiou vozes brancas, masculinas e europeias, silenciando experiências de grupos historicamente marginalizados. No ensino de literatura, esse processo torna-se ainda mais evidente, uma vez que o cânone literário tradicional pouco dialoga com a diversidade cultural, étnica e social que compõe a realidade dos estudantes. Diante desse cenário, torna-se urgente repensar quais narrativas circulam na escola e quais sujeitos são reconhecidos como produtores legítimos de conhecimento e arte.

As narrativas de mulheres negras, por muito tempo invisibilizadas no espaço escolar, carregam experiências atravessadas por gênero, raça e classe, oferecendo perspectivas que tensionam discursos hegemônicos e ampliam as possibilidades de leitura do mundo. Quando essas vozes são excluídas do ensino de literatura, não se trata apenas da ausência de autoras no currículo, mas de um apagamento simbólico que impacta diretamente a formação crítica dos estudantes. A literatura, enquanto linguagem estética e política, possui o potencial de provocar reflexões profundas sobre desigualdades sociais, racismo estrutural e processos de resistência, especialmente quando parte de vivências concretas e historicamente situadas.

Nesse contexto, a obra de Conceição Evaristo apresenta-se como uma contribuição fundamental para o ensino de literatura na escola. Escritora, intelectual e mulher negra, Evaristo constrói narrativas marcadas pela experiência, conceito que a própria autora denomina “escrevivência”, evidenciando a inseparabilidade entre vida, memória e escrita. Seus textos conferem centralidade às histórias de mulheres negras, às vivências da periferia, às dores e às estratégias de sobrevivência forjadas em contextos de exclusão, ao mesmo tempo em que afirmam afetos, ancestralidade e resistência. Inserir sua obra no ambiente escolar significa reconhecer a legitimidade dessas experiências como matéria literária e como saber socialmente relevante.

As personagens femininas criadas por Conceição Evaristo rompem com estereótipos historicamente atribuídos às mulheres negras na literatura brasileira. Elas não aparecem apenas como figuras secundárias ou subalternizadas, mas como sujeitos complexos, dotados de voz, desejos, memórias e contradições. Ao entrar em contato com essas narrativas, os estudantes são convidados a refletir sobre realidades muitas vezes próximas de seu cotidiano, mas raramente tematizadas de forma sensível e profunda nos textos trabalhados em sala de aula. Esse movimento contribui para a construção de um ensino de literatura mais próximo da realidade social dos alunos e mais comprometido com a formação crítica.

A presença de Conceição Evaristo no currículo escolar dialoga diretamente com a necessidade de uma educação antirracista, conforme previsto em documentos oficiais e debates contemporâneos sobre educação e diversidade. Trabalhar suas obras na escola não se restringe ao cumprimento de uma exigência legal, mas representa uma escolha pedagógica que valoriza a pluralidade cultural e promove o reconhecimento de identidades historicamente marginalizadas. A literatura, nesse sentido, torna-se um instrumento potente para questionar desigualdades, desconstruir preconceitos e fomentar o respeito às diferenças no espaço escolar.

Além disso, o contato com narrativas de mulheres negras possibilita que estudantes negros se reconheçam nos textos literários, fortalecendo sentimentos de pertencimento e autoestima, enquanto estudantes não negros são provocados a repensar privilégios e visões naturalizadas sobre a sociedade. Esse processo amplia o alcance formativo da literatura, que deixa de ser apenas objeto de análise estética e passa a atuar como mediadora de diálogos sobre justiça social, memória coletiva e direitos humanos. A escola, ao acolher essas narrativas, assume um papel ativo na construção de uma educação mais democrática e inclusiva.

O ensino de literatura, quando orientado por uma perspectiva sensível à diversidade, permite que a leitura se torne um espaço de escuta e reflexão, no qual diferentes histórias e experiências possam coexistir. As obras de Conceição Evaristo, como *Olhos d'água* (2014) ao articularem linguagem poética, memória e denúncia social, oferecem múltiplas possibilidades de abordagem em sala de aula, favorecendo práticas pedagógicas que dialogam com a realidade dos estudantes. Dessa forma, a literatura deixa de ser percebida como algo distante ou inacessível, aproximando-se das vivências concretas dos sujeitos que habitam o espaço escolar.

Diante dessas considerações, este artigo tem como objetivo refletir sobre a importância das narrativas de mulheres negras no ensino de literatura, tomando a obra de Conceição Evaristo como eixo central de análise. Busca-se discutir como suas produções podem contribuir para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas, críticas e sensíveis à diversidade, reconhecendo a literatura como um campo de disputa simbólica e de afirmação de identidades. Ao trazer Conceição Evaristo para o centro do debate educacional, reafirma-se a necessidade de uma escola que escuta, valoriza e legitima múltiplas vozes e histórias.

2. Literatura, escola e a construção de vozes silenciadas

O ensino de literatura na escola brasileira, durante muito tempo, esteve centrado em um conjunto restrito de obras e autores que pouco dialogavam com a diversidade social e cultural do país. Esse modelo, sustentado por um cânone tradicional, contribuiu para a exclusão de narrativas

que não se enquadravam nos padrões eurocêntricos e elitizados. Como aponta Antônio Cândido (2006), a literatura é um direito humano fundamental, pois possibilita ao sujeito compreender a si mesmo e ao outro; quando esse direito é negado a determinados grupos, o processo educativo torna-se incompleto e desigual.

A ausência de vozes negras e femininas no currículo escolar não é neutra, mas reflete relações de poder historicamente constituídas. Stuart Hall (2003) destaca que a cultura é um espaço de disputa simbólica, no qual identidades são produzidas, legitimadas ou silenciadas. Nesse sentido, a escola, ao selecionar quais textos literários serão trabalhados, participa ativamente da manutenção ou do enfrentamento dessas desigualdades. Ignorar narrativas de mulheres negras significa reforçar um modelo único de experiência humana, desconsiderando outras formas de existir e narrar o mundo.

Paulo Freire (1996) defende que a educação deve partir da realidade concreta dos sujeitos e promover uma leitura crítica do mundo. Quando a literatura trabalhada em sala de aula não dialoga com as vivências dos estudantes, especialmente daqueles oriundos das periferias e de grupos racializados, o processo de ensino-aprendizagem tende a se distanciar de seu caráter emancipador. A leitura, nesse contexto, corre o risco de se tornar uma prática mecânica, desvinculada de sentido e de reflexão social.

As narrativas literárias possuem um papel fundamental na formação do imaginário social, pois constroem representações sobre quem pode falar, escrever e ser protagonista de sua própria história. Conforme destaca Regina Dalcastagné (2012), a literatura brasileira, por muito tempo, foi marcada pela predominância de personagens e autores brancos, o que evidencia um processo de exclusão estrutural. Levar essas reflexões para o espaço escolar é essencial para que os estudantes compreendam que a literatura não é neutra, mas atravessada por escolhas políticas e ideológicas.

Nesse cenário, a inclusão de narrativas de mulheres negras no ensino de literatura representa um movimento de ruptura com práticas pedagógicas excludentes. Essas produções ampliam o repertório literário e possibilitam novas formas de identificação e pertencimento. Para bell hooks (2017), a educação deve ser um espaço de transgressão, no qual vozes historicamente silenciadas possam ser ouvidas e valorizadas. A literatura, quando pensada nessa perspectiva, torna-se um instrumento potente de transformação social.

Além disso, trabalhar com textos que abordam questões raciais e de gênero contribui para o desenvolvimento de uma educação crítica e antirracista. Gomes (2017) ressalta que a escola tem papel central na desconstrução de estereótipos e no combate ao racismo, especialmente quando assume o compromisso de valorizar a história e a cultura afro-brasileira. A literatura, nesse processo, atua como mediadora de diálogos sensíveis e necessários sobre desigualdade, memória e resistência.

A formação do leitor literário não se limita à análise formal do texto, mas envolve a capacidade de estabelecer relações entre a obra, o contexto social e a experiência do leitor. Rildo Cosson (2014) defende que a leitura literária deve promover o letramento literário, permitindo que o estudante se aproprie da literatura como prática social. As narrativas de mulheres negras, ao dialogarem com realidades muitas vezes próximas dos alunos, favorecem esse processo de apropriação e significação.

Assim, repensar o ensino de literatura a partir da inclusão de vozes silenciadas é um passo fundamental para a construção de uma escola mais democrática. Ao reconhecer a literatura como espaço de múltiplas narrativas, a escola contribui para a formação de sujeitos críticos, capazes de questionar desigualdades e valorizar a diversidade. Esse movimento abre caminho para a inserção da obra de Conceição Evaristo como referência central no ensino literário.

3. Conceição Evaristo e a escrevivência como prática literária e pedagógica

A obra de Conceição Evaristo ocupa um lugar singular na literatura brasileira contemporânea, sobretudo por articular escrita, memória e experiência. A autora cunha o termo “escrevivência” para definir uma produção literária que nasce das vivências de mulheres negras, marcadas por exclusões, mas também por afetos e resistências. Esse conceito rompe com a ideia de uma escrita distanciada da realidade e reafirma a literatura como expressão de vida, como destaca a própria Evaristo (2007).

A escrevivência não se limita a um recurso estilístico, mas constitui uma postura política diante da escrita. Ao narrar histórias que partem da experiência coletiva de mulheres negras, Evaristo desloca o centro da narrativa literária e questiona os lugares tradicionalmente ocupados por esses sujeitos na sociedade. Conforme aponta Munanga (2005), a valorização das narrativas negras é fundamental para o enfrentamento do racismo estrutural, inclusive no campo cultural e educacional.

As personagens femininas presentes nas obras de Conceição Evaristo são construídas a partir de uma complexidade que desafia estereótipos historicamente impostos às mulheres negras. Elas sentem, pensam, sofrem e resistem, revelando uma humanidade muitas vezes negada pela literatura canônica. Essa abordagem dialoga com o pensamento de Chimamanda Adichie (2019), ao alertar para os perigos de uma história única, que reduz sujeitos a imagens simplificadas e distorcidas.

No contexto escolar, a leitura dessas narrativas possibilita que os estudantes entrem em contato com experiências que tensionam discursos naturalizados sobre gênero, raça e classe. Segundo Freire (1996), a educação precisa promover a conscientização crítica, permitindo que os

sujeitos compreendam as estruturas de opressão que atravessam suas vidas. A literatura de Evaristo, ao evidenciar essas estruturas, contribui significativamente para esse processo formativo.

Outro aspecto relevante da obra da autora é a centralidade da memória como elemento constitutivo da narrativa. As lembranças individuais e coletivas presentes em seus textos dialogam com a história da população negra no Brasil, marcada por apagamentos e silenciamentos. Pollak (1992) destaca que a memória é um campo de disputas, no qual determinados grupos lutam pelo reconhecimento de suas histórias. Trabalhar essa dimensão em sala de aula amplia a compreensão dos estudantes sobre os processos históricos e sociais.

A linguagem utilizada por Conceição Evaristo também merece destaque no ensino de literatura. Sua escrita poética, sensível e, ao mesmo tempo, contundente aproxima o leitor das emoções e vivências das personagens. Essa característica favorece práticas pedagógicas que valorizam a leitura literária como experiência estética e afetiva, conforme defende Cosson (2014). A literatura, nesse sentido, deixa de ser apenas objeto de análise e passa a ser vivenciada.

A inserção da obra de Evaristo no currículo escolar dialoga ainda com as diretrizes da educação para as relações étnico-raciais. Gomes (2017) ressalta que o reconhecimento da produção intelectual negra é fundamental para a construção de uma educação antirracista. Ao trabalhar textos de Conceição Evaristo, a escola reafirma o compromisso com a valorização da cultura afro-brasileira e com a promoção da igualdade racial.

Dessa forma, a escrevivência configura-se não apenas como uma prática literária, mas também como uma potente ferramenta pedagógica. Ao aproximar literatura e vida, Conceição Evaristo oferece caminhos para um ensino mais sensível, crítico e comprometido com a realidade dos estudantes, fortalecendo o papel da escola como espaço de escuta e transformação.

4. O ensino de literatura e a formação crítica a partir das narrativas de mulheres negras

O ensino de literatura, quando orientado por uma perspectiva crítica, pode contribuir significativamente para a formação de sujeitos conscientes de seu papel social. No entanto, isso exige a superação de práticas pedagógicas centradas apenas na memorização de datas, escolas literárias e características formais. Como aponta Todorov (2009), a literatura perde seu sentido quando se afasta da experiência humana e se torna apenas um objeto de análise técnica.

As narrativas de mulheres negras, ao serem inseridas no ensino de literatura, possibilitam a ampliação do olhar dos estudantes sobre a sociedade. Essas obras abordam temas como racismo, desigualdade social, afetividade e resistência, promovendo reflexões que ultrapassam os limites da

sala de aula. Para Freire (1996), a educação deve estimular o diálogo e a problematização da realidade, e a literatura pode atuar como mediadora desse processo.

A leitura de textos de Conceição Evaristo, por exemplo, permite que os alunos reflitam sobre questões estruturais que atravessam o cotidiano brasileiro. Ao reconhecer essas problemáticas na literatura, o estudante passa a compreender que a arte também é um espaço de denúncia e de afirmação de direitos. Cândido (2006) reforça que a literatura humaniza, pois amplia a capacidade de empatia e compreensão do outro.

Outro aspecto relevante é o impacto dessas narrativas na construção da identidade dos estudantes negros. A possibilidade de se ver representado de forma positiva e complexa na literatura contribui para o fortalecimento da autoestima e do sentimento de pertencimento. Segundo Gomes (2017), a escola desempenha papel central na valorização das identidades negras, especialmente quando rompe com práticas curriculares excludentes.

Para estudantes não negros, o contato com essas obras também é formativo, pois provoca o questionamento de privilégios e visões naturalizadas sobre a sociedade. Hall (2003) destaca que a identidade é construída na relação com o outro, e a literatura oferece um espaço privilegiado para esse encontro. Assim, o ensino literário torna-se um espaço de aprendizagem ética e social.

As práticas pedagógicas que envolvem narrativas de mulheres negras podem incluir rodas de leitura, debates, produções textuais e atividades interdisciplinares. Essas estratégias favorecem a participação ativa dos estudantes e o desenvolvimento do pensamento crítico. Cossen (2014) defende que o letramento literário deve envolver o leitor de forma ativa, permitindo que ele construa sentidos a partir da leitura.

Além disso, a presença dessas narrativas no currículo contribui para o cumprimento das políticas educacionais voltadas à diversidade cultural e étnico-racial. No entanto, mais do que atender a exigências legais, trata-se de assumir uma postura ética e pedagógica comprometida com a justiça social. Munanga (2005) ressalta que a educação é um dos principais espaços de enfrentamento do racismo no Brasil.

Dessa maneira, o ensino de literatura a partir das narrativas de mulheres negras, especialmente da obra de Conceição Evaristo, fortalece a formação crítica dos estudantes e reafirma o papel da escola como espaço de transformação. Ao valorizar essas vozes, a educação literária contribui para a construção de uma sociedade mais justa, plural e consciente de sua diversidade.

5. Representatividade, identidade e pertencimento no ensino de literatura

A representatividade no espaço escolar não deve ser compreendida como um elemento acessório, mas como parte constitutiva do processo educativo. Quando determinados grupos não se veem representados nos conteúdos trabalhados em sala de aula, especialmente na literatura, cria-se um distanciamento simbólico entre o estudante e o conhecimento. Conforme aponta Stuart Hall (2003), a identidade é construída a partir das representações culturais disponíveis; assim, a ausência de narrativas de mulheres negras impacta diretamente a forma como esses sujeitos se percebem e são percebidos socialmente.

No ensino de literatura, essa ausência torna-se ainda mais significativa, pois a leitura literária participa da formação subjetiva dos estudantes. A literatura oferece modelos de existência, modos de sentir e de narrar a vida. Quando apenas determinados grupos ocupam o lugar de protagonistas, reforça-se a ideia de que algumas experiências são mais legítimas do que outras. Regina Dalcastagnè (2012) destaca que a desigualdade de representação na literatura brasileira reflete as hierarquias sociais presentes fora do texto.

As narrativas de mulheres negras, como as de Conceição Evaristo, contribuem para romper com esse cenário ao apresentar personagens que vivenciam o cotidiano a partir de múltiplas camadas de opressão, mas também de resistência. Essas histórias revelam trajetórias marcadas por afetos, memórias e estratégias de sobrevivência, permitindo uma leitura mais complexa da realidade social. Para bell hooks (2017), a valorização dessas narrativas é fundamental para uma educação comprometida com a justiça e a igualdade.

A presença dessas obras no currículo escolar favorece o fortalecimento da identidade dos estudantes negros, que passam a se reconhecer como sujeitos históricos e produtores de cultura. Esse reconhecimento tem impacto direto na autoestima e no engajamento escolar. Gomes (2017) ressalta que a valorização da identidade negra na escola é um passo essencial para o enfrentamento do racismo e para a construção de relações mais equitativas no ambiente educativo.

Ao mesmo tempo, essas narrativas provocam estudantes não negros a refletirem sobre privilégios e desigualdades naturalizadas. A literatura, nesse sentido, atua como espaço de encontro com o outro, promovendo empatia e questionamento crítico. Cândido (2006) afirma que a literatura humaniza justamente por permitir ao leitor vivenciar experiências que não são as suas, ampliando sua compreensão do mundo.

O trabalho com essas obras exige do professor uma postura sensível e reflexiva, capaz de mediar debates e acolher diferentes interpretações. Freire (1996) defende que o educador deve atuar como mediador do conhecimento, promovendo o diálogo e a escuta. No ensino de literatura, isso significa criar espaços nos quais os estudantes possam expressar sentimentos, opiniões e vivências a partir da leitura.

Além disso, a abordagem dessas narrativas contribui para a desconstrução de estereótipos historicamente associados às mulheres negras, frequentemente retratadas de forma simplificada ou marginalizada. A literatura de Conceição Evaristo apresenta personagens complexas, que escapam de rótulos e revelam múltiplas dimensões da experiência humana. Esse movimento amplia o repertório cultural dos estudantes e enriquece o processo de leitura.

Dessa forma, a representatividade no ensino de literatura não se limita à inclusão de novos autores, mas envolve a construção de um currículo que valorize diferentes identidades e experiências. Ao incorporar narrativas de mulheres negras, a escola contribui para a formação de sujeitos críticos, conscientes de sua história e de seu lugar no mundo.

6. Práticas pedagógicas e possibilidades de trabalho com Conceição Evaristo na escola

A inserção da obra de Conceição Evaristo no ensino de literatura abre múltiplas possibilidades de práticas pedagógicas que dialogam com a realidade dos estudantes. Seus textos, marcados pela oralidade, pela memória e pela sensibilidade poética, favorecem abordagens que vão além da leitura tradicional e da análise formal. Segundo Cosson (2014), o letramento literário pressupõe práticas que envolvam o leitor de forma ativa, permitindo que ele construa sentidos a partir da obra.

Uma das possibilidades é o trabalho com rodas de leitura, nas quais os estudantes possam compartilhar impressões, sentimentos e interpretações sobre os textos. Essa prática valoriza a leitura como experiência coletiva e fortalece o diálogo em sala de aula. Freire (1996) destaca que o conhecimento se constrói na troca e na escuta, e a literatura pode ser um potente disparador dessas interações.

Outra estratégia consiste na articulação entre literatura e memória, incentivando os alunos a produzirem textos a partir de suas próprias vivências. O conceito de escrevivência pode ser explorado como inspiração para produções autorais, permitindo que os estudantes compreendam a escrita como forma de expressão e resistência. Evaristo (2007) defende que escrever é também um ato político, especialmente para sujeitos historicamente silenciados.

A interdisciplinaridade também se apresenta como um caminho fecundo para o trabalho com essas narrativas. Textos de Conceição Evaristo podem dialogar com conteúdos de História, Sociologia e Artes, ampliando a compreensão dos contextos sociais e culturais abordados. Munanga (2005) ressalta a importância de uma abordagem integrada para o ensino das relações étnico-raciais, evitando tratamentos superficiais ou pontuais.

Além disso, o uso de recursos multimodais, como vídeos, músicas e relatos orais, pode enriquecer o trabalho com a literatura em sala de aula. Essas estratégias aproximam os textos da

realidade dos estudantes e tornam o processo de aprendizagem mais significativo. Hall (2003) destaca que a cultura se manifesta por meio de múltiplas linguagens, e a escola deve reconhecer essa diversidade.

O papel do professor, nesse contexto, é fundamental. Cabe a ele selecionar obras, propor atividades e mediar discussões de forma crítica e sensível. A formação docente, portanto, precisa contemplar debates sobre diversidade, racismo e representatividade. Gomes (2017) aponta que muitos professores ainda enfrentam dificuldades para abordar essas temáticas, o que reforça a necessidade de formação continuada.

O trabalho com narrativas de mulheres negras também contribui para a criação de um ambiente escolar mais acolhedor e democrático. Quando os estudantes percebem que suas histórias e identidades são valorizadas, tendem a se envolver mais com as atividades escolares. Candido (2006) lembra que a literatura, ao humanizar, fortalece vínculos e promove o reconhecimento mútuo.

Assim, as práticas pedagógicas que envolvem a obra de Conceição Evaristo potencializam o ensino de literatura como espaço de reflexão, expressão e transformação. Ao valorizar a experiência dos estudantes e dialogar com suas realidades, a escola reafirma seu compromisso com uma educação inclusiva e significativa.

7. Conceição Evaristo, ensino de literatura e articulações com a BNCC e a LDB

A inserção de narrativas de mulheres negras no ensino de literatura encontra respaldo nos documentos que orientam a educação brasileira, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Esses documentos reconhecem a importância de uma formação integral, que considere a diversidade cultural, social e histórica dos estudantes. Trabalhar a obra de Conceição Evaristo, portanto, não se trata de uma escolha isolada, mas de uma prática alinhada às diretrizes educacionais vigentes.

A LDB (Lei nº 9.394/1996) estabelece que a educação deve promover o pleno desenvolvimento do educando e o preparo para o exercício da cidadania. Nesse sentido, o ensino de literatura precisa contribuir para a formação crítica e ética dos estudantes. Freire (1996) reforça que a educação não é neutra e deve possibilitar a leitura crítica da realidade, algo que as narrativas de Conceição Evaristo realizam ao evidenciar desigualdades sociais e raciais.

A BNCC, ao tratar do componente curricular Língua Portuguesa, destaca a importância do contato com diferentes gêneros, autores e contextos de produção. O documento enfatiza a valorização da diversidade cultural e o respeito às diferenças como princípios fundamentais da educação básica. As obras de Evaristo dialogam diretamente com essas orientações ao apresentar experiências historicamente marginalizadas e promover reflexões sobre identidade e pertencimento.

Além disso, a BNCC propõe o desenvolvimento de competências relacionadas à empatia, ao respeito e à valorização da diversidade. A leitura de narrativas de mulheres negras favorece esse desenvolvimento ao possibilitar o contato com realidades diversas e estimular o diálogo sobre questões sociais. Hall (2003) aponta que a compreensão da diferença é central para a construção de identidades democráticas, e a literatura é um espaço privilegiado para esse exercício.

Outro aspecto relevante é a articulação com a Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Embora não seja o foco exclusivo deste artigo, é importante reconhecer que a obra de Conceição Evaristo contribui significativamente para o cumprimento dessa legislação. Gomes (2017) ressalta que a efetivação dessa lei depende de práticas pedagógicas consistentes e comprometidas com a valorização da cultura negra.

O ensino de literatura, alinhado à BNCC e à LDB, deve ir além do cumprimento de conteúdos mínimos e buscar práticas que façam sentido para os estudantes. Todorov (2009) critica abordagens excessivamente técnicas que afastam o leitor da experiência literária. Nesse contexto, as narrativas de Evaristo permitem uma aproximação sensível e crítica com o texto literário.

A escolha por trabalhar essas obras também reflete uma postura ética do professor e da escola diante das desigualdades sociais. Munanga (2005) destaca que a educação é um dos principais espaços de enfrentamento do racismo no Brasil, e o currículo desempenha papel central nesse processo. A literatura, ao dar voz a sujeitos historicamente silenciados, contribui para essa transformação.

Assim, a articulação entre a obra de Conceição Evaristo, o ensino de literatura e os documentos oficiais da educação brasileira reforça a importância de práticas pedagógicas comprometidas com a diversidade e a justiça social. Ao valorizar narrativas de mulheres negras, a escola cumpre seu papel formativo e reafirma a literatura como espaço de escuta, reflexão e emancipação.

8. A formação do leitor literário a partir de narrativas de mulheres negras

A formação do leitor literário é um dos principais objetivos do ensino de literatura na escola, pois envolve não apenas a compreensão de textos, mas também a construção de sentidos, afetos e posicionamentos diante do mundo. Quando a leitura literária se limita a um conjunto restrito de obras, o estudante tende a associar a literatura a algo distante de sua realidade. Nesse sentido, as narrativas de mulheres negras ampliam as possibilidades de identificação e aproximam o aluno do texto literário, conforme defende Cosson (2014) ao tratar do letramento literário como prática social.

A literatura de Conceição Evaristo, ao partir da experiência vivida, estabelece uma relação direta com o cotidiano de muitos estudantes, especialmente daqueles oriundos de contextos periféricos. Essa proximidade favorece o engajamento na leitura e contribui para a construção de um vínculo afetivo com o texto. Todorov (2009) afirma que a literatura cumpre sua função quando ajuda o leitor a compreender melhor a si mesmo e aos outros, aspecto fortemente presente na obra da autora.

O contato com narrativas que abordam temas como racismo, desigualdade social e resistência possibilita que o leitor desenvolva uma postura crítica diante da realidade. Freire (1996) destaca que a leitura do mundo precede a leitura da palavra, e a literatura pode atuar como mediadora desse processo. Ao reconhecer essas questões nos textos literários, o estudante amplia sua compreensão sobre as estruturas sociais que o cercam.

Além disso, a leitura de obras escritas por mulheres negras contribui para a ampliação do repertório cultural dos estudantes, rompendo com a ideia de que apenas determinados grupos produzem literatura de qualidade. Candido (2006) reforça que a literatura é um direito humano e deve estar acessível a todos, tanto como produção quanto como fruição. Nesse sentido, a escola desempenha papel fundamental ao garantir o acesso a essas narrativas.

A formação do leitor também envolve o desenvolvimento da empatia e da capacidade de se colocar no lugar do outro. As histórias narradas por Conceição Evaristo convidam o leitor a experimentar emoções, dores e afetos que muitas vezes não fazem parte de sua vivência direta. Hall (2003) aponta que a identidade se constrói na relação com a diferença, e a literatura oferece um espaço privilegiado para esse encontro.

Outro aspecto relevante é a valorização da leitura como prática de escuta. Ao ler narrativas de mulheres negras, os estudantes são convidados a ouvir histórias que foram historicamente silenciadas. bell hooks (2017) defende que a escuta é um ato político, especialmente em contextos educativos marcados por desigualdades. A literatura, nesse sentido, contribui para a construção de relações mais respeitosas e conscientes.

A mediação do professor é essencial para que esse processo formativo se efetive. Cabe ao docente criar estratégias que estimulem a leitura crítica e o diálogo, evitando abordagens moralizantes ou superficiais. Gomes (2017) ressalta que o trabalho com diversidade exige preparo e sensibilidade, aspectos fundamentais para o ensino de literatura comprometido com a formação humana.

Dessa forma, a formação do leitor literário a partir das narrativas de mulheres negras fortalece o papel da literatura como espaço de reflexão, identificação e transformação. Ao valorizar essas obras, a escola contribui para a construção de sujeitos críticos, sensíveis e conscientes de seu lugar na sociedade.

9. Literatura, experiência e humanização no espaço escolar

A literatura ocupa um lugar privilegiado no processo de humanização dos sujeitos, pois permite o contato com diferentes experiências de vida, sentimentos e perspectivas. No espaço escolar, esse potencial humanizador pode ser ampliado quando o ensino de literatura se aproxima das realidades dos estudantes. As narrativas de mulheres negras, como as de Conceição Evaristo, cumprem esse papel ao articular memória, afetividade e crítica social, conforme destaca Cândido (2006) ao tratar da função humanizadora da literatura.

A experiência estética proporcionada pela leitura literária não se limita ao prazer do texto, mas envolve a construção de sentidos que dialogam com a vida cotidiana. A obra de Evaristo convida o leitor a refletir sobre relações familiares, desigualdades sociais e estratégias de resistência, aproximando a literatura das vivências concretas dos estudantes. Todorov (2009) reforça que a literatura perde seu sentido quando se afasta da experiência humana.

A presença dessas narrativas no currículo escolar contribui para a construção de um ambiente mais sensível às diferenças. Ao trabalhar textos que abordam questões raciais e de gênero, a escola promove o reconhecimento da pluralidade de experiências que compõem a sociedade brasileira. Hall (2003) destaca que a cultura é um espaço de produção de sentidos, e a literatura participaativamente desse processo.

A humanização promovida pela literatura também se manifesta na valorização da memória coletiva. As histórias narradas por Conceição Evaristo resgatam vivências que foram historicamente apagadas, permitindo que os estudantes compreendam o passado e suas reverberações no presente. Pollak (1992) aponta que a memória é um campo de disputas, no qual o reconhecimento de determinadas narrativas é fundamental para a justiça social.

Além disso, a literatura pode atuar como espaço de acolhimento emocional, especialmente para estudantes que vivenciam situações de vulnerabilidade. As narrativas de mulheres negras apresentam personagens que enfrentam adversidades, mas também constroem formas de resistência e cuidado. bell hooks (2017) defende que a educação deve ser um espaço de cura e transformação, no qual os sujeitos se sintam reconhecidos.

O trabalho com essas obras exige uma postura pedagógica comprometida com o diálogo e a escuta. Freire (1996) destaca que ensinar é um ato de amor e coragem, que pressupõe respeito aos saberes dos educandos. No ensino de literatura, isso implica reconhecer as experiências dos estudantes como parte legítima do processo educativo.

A literatura, quando pensada como experiência humanizadora, contribui para a formação ética dos sujeitos. Ao entrar em contato com diferentes histórias, o estudante desenvolve empatia,

senso crítico e responsabilidade social. Gomes (2017) ressalta que a educação comprometida com a diversidade é fundamental para a construção de uma sociedade mais justa.

Assim, a inserção de narrativas de mulheres negras no ensino de literatura reafirma o papel da escola como espaço de humanização e transformação. Ao valorizar essas vozes, a educação literária se torna mais sensível, inclusiva e conectada com a realidade dos estudantes.

10. Considerações Finais

A reflexão desenvolvida ao longo deste artigo evidenciou a importância de repensar o ensino de literatura a partir da valorização de narrativas de mulheres negras, tomando a obra de Conceição Evaristo como referência central. Ao longo das discussões, foi possível perceber que a literatura, quando trabalhada de forma sensível e crítica, ultrapassa a dimensão estética e se consolida como instrumento de formação humana, identidade e consciência social.

A presença de Conceição Evaristo no espaço escolar representa um movimento de ruptura com práticas curriculares historicamente excludentes, ao reconhecer a legitimidade das experiências de mulheres negras como matéria literária e pedagógica. Suas narrativas, marcadas pela escrevivência, oferecem aos estudantes a possibilidade de contato com histórias que dialogam com a realidade brasileira, promovendo identificação, empatia e reflexão crítica.

O ensino de literatura, alinhado às diretrizes da BNCC, da LDB e às discussões sobre educação antirracista, encontra na obra de Evaristo um caminho fecundo para a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas. Ao trabalhar essas narrativas, a escola cumpre seu papel social ao valorizar a diversidade cultural e enfrentar desigualdades historicamente naturalizadas.

Além disso, a formação do leitor literário, quando orientada por essas perspectivas, contribui para o fortalecimento da autonomia, da autoestima e do senso de pertencimento dos estudantes. A literatura passa a ser compreendida não como conteúdo distante, mas como espaço de escuta, diálogo e transformação.

Por fim, reafirma-se a necessidade de que o ensino de literatura esteja comprometido com a humanização dos sujeitos e com a construção de uma educação democrática. Valorizar narrativas de mulheres negras, como as de Conceição Evaristo, é reconhecer que a escola deve ser um espaço onde múltiplas vozes possam ser ouvidas, legitimadas e respeitadas, contribuindo para a formação de cidadãos críticos e conscientes de sua história e de seu papel na sociedade.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018.
- BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394/1996, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática História e Cultura Afro-Brasileira. Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996.
- CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. p. 169-191.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Horizonte, 2012.
- EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2014.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GOMES, Nilma Lino. **O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis: Vozes, 2017.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.
- MUNANGA, Kabengele. **Redisputando a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- POLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.
- TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2009.